

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO  
EM PEDAGOGIA

# HISTÓRIA E EDUCAÇÃO I

*5º semestre*



## **Presidente da República Federativa do Brasil**

Luiz Inácio Lula da Silva

## **Ministério da Educação**

Fernando Haddad

Maria Paula Dallari Bucci

Carlos Eduardo Bielschowsky

*Ministro do Estado da Educação*  
*Secretária da Educação Superior*  
*Secretário da Educação a Distância*

## **Universidade Federal de Santa Maria**

*Reitor* Felipe Martins Müller

*Vice-Reitor* Dalvan José Reinert

*Chefe de Gabinete do Reitor* Maria Alcione Munhoz

*Pró-Reitor de Administração* André Luis Kieling Ries

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis* José Francisco Silva Dias

*Pró-Reitor de Extensão* João Rodolpho Amaral Flôres

*Pró-Reitor de Graduação* Orlando Fonseca

*Pró-Reitor de Planejamento* Charles Jacques Prade

*Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa* Helio Leães Hey

*Pró-Reitor de Recursos Humanos* Vania de Fátima Barros Estivaleta

*Diretor do CPD* Fernando Bordin da Rocha

## **Coordenação de Educação à Distância**

*Coordenador CEAD* Fabio da Purificação de Bastos

*Coordenador UAB* Carlos Gustavo Martins Hoelzel

*Coordenador de Pólos* Roberto Cassol

*Gestão Financeira* Daniel Luís Arenhardt

## **Centro de Educação**

*Diretora do Centro de Educação* Helenise Sangoi Antunes

*Coordenadora do Curso de Pedagogia* Rosane Carneiro Sarturi

## **Elaboração do Conteúdo**

*Professor pesquisador/conteudista* Décio Luciano Squarcieri de Oliveira

**Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e  
Desenvolvimento em Tecnologias da Informação  
e Comunicação Aplicadas à Educação**

*Coordenadora da Equipe Multidisciplinar* Elena Maria Mallmann  
*Materiais Didáticos* Volnei Antônio Matté  
*Desenvolvimento Tecnológico* André Zanki Cordenonsi  
*Capacitação* Ilse Abegg

**Produção de Materiais Didáticos**

*Designer* Evandro Bertol  
*Designer* Marcelo Kunde

*Orientação Pedagógica* Diana Cervo Cassol

*Revisão de Português* Marta Azzolin  
Samarlene Pilon  
Sílvia Helena Lovato do Nascimento

*Ilustração* Cauã Ferreira da Silva  
Natália de Souza Brondani

*Diagramação* Emanuel Montagnier Pappis  
Maira Machado Vogt

*Suporte Moodle* Ândrei Componogara  
Bruno Augusti Mozzaquatro

# SUMÁRIO

Identificação da Disciplina .....	5
<b>UNIDADE A</b>	
<b>HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA</b> .....	<b>6</b>
Introdução .....	6
Objetivos .....	6
1. Fundamentos da História e historiografia .....	6
2. O sentido político e social da História .....	12
2.1. Tempo .....	12
2.2. Fato(s) – Evento(s) .....	15
2.3. Sujeitos .....	16
3. Procedimentos de pesquisa em História .....	18
<b>REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA UNIDADE A</b> .....	<b>22</b>
<b>UNIDADE B</b>	
<b>CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES HISTÓRICAS</b> .....	<b>23</b>
Introdução .....	23
Objetivos .....	23
1. Multiplicidade e variação dos sentidos a se apoderar e coexistir de uma quantidade da realidade .....	23
2. Historicismo .....	26
3. Positivismo .....	27
4. Marxismo .....	29
5. Annales .....	31
6. Nova História Cultural .....	33
7. Pós-Modernidade .....	34
<b>REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA UNIDADE B</b> .....	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES DA UNIDADE B</b> .....	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>39</b>

### **IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA**

A disciplina em questão, denominada História e Educação I – EAD 1057 compõe a grade curricular do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena a Distância – UFSM/UAB, determinada para ser lecionada no 5º semestre. Sua carga horária, de 60 horas/aula, estrutura-se sobre o objetivo de possibilitar ao professor(a) de Pedagogia conhecimentos necessários para trabalhar a disciplina de História na Educação Básica, tanto na Educação Infantil como nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Sua oferta oferece conceitos da disciplina de História, seus instrumentos de trabalho para organizar e interpretar o conhecimento histórico, bem como seu aporte teórico em conjunto com as orientações ideológicas da Educação. A abordagem da disciplina segue orientações qualitativas, compreendendo o aluno e o professor ambos na condição de sujeitos, para a construção dos processos de conhecimento da História.

### **Professor:**

Meu nome é Décio Luciano Squarcieri de Oliveira, sou licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Maria, Especialista em História do Brasil e mestrando em Educação pela mesma instituição. Minha pesquisa concentra-se em avaliação da aprendizagem de História, imagens sociais da disciplina e do professor de História e seus trajetos de formação. Atuo como Professor Pesquisador I da UAB/UFSM, sendo que minha experiência no magistério superior teve início como professor substituto no Departamento de Metodologia do Ensino no Centro de Educação/UFSM, ministrando cadeiras de História e Educação (I e II), Metodologia do Ensino de História, PED (Práticas Educativas).

### **Apresentação Geral Do Livro – Texto**

O Livro-texto que apresento estrutura-se sobre duas unidades. Estas se compõem de seus capítulos, nos quais procuro ser sucinto, sem, com isso, perder a consistência necessária.

A UNIDADE A aborda os conceitos iniciais para se estudar o campo de conhecimento denominado História, bem como a construção dos saberes que são organizados na disciplina de mesmo nome. Seus capítulos pretendem discutir significados, terminologias, elencar seus objetos tempo, fatos – e os sujeitos de seu estudo, bem como especificar o uso das fontes documentais.

Na UNIDADE B, adentramos nas concepções teóricas – filosóficas que fornecem elementos necessários à interpretação dos eventos e das manifestações dos sujeitos sociais, procurando trabalhar em conjunto com as tendências pedagógicas da Educação a fim de aproximar essas duas áreas do saber.

Ao longo do material, disponibilizo conteúdos complementares, para irmo-nos acostumando com as atividades e recursos disponíveis para exercermos a disciplina de História, inter-relacionada em seus sentidos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc.

## UNIDADE A HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

### INTRODUÇÃO

Nesta primeira unidade de nosso livro-texto, vamos conhecer e discutir os conceitos do campo do conhecimento denominado História. Suas implicações e questões como: História é uma ciência ou disciplina? Existe História sem registro documental? Os homens e mulheres são objetos ou sujeitos?

Nossa atenção inicial se concentrará nos estudiosos específicos da disciplina de História, passando pelos elementos constitutivos de seu saber, bem como pela classificação das chamadas fontes documentais.

É muito importante destacar: História é uma disciplina que exige leitura atenta e crítica. Questionar é a melhor forma de conduzir suas compreensões.

### OBJETIVOS

- Conhecer os diferentes significados dos conceitos da História e diferenciá-la de Historiografia;
- Identificar os objetos/sujeitos de seu conhecimento – tempo, fato e sujeitos e suas implicações no ensino de História;
- Reconhecer as fontes documentais, suas naturezas e seus usos.

## 1. FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

*Cada um de nós compõe a sua História, cada ser em si  
carrega o dom de ser capaz, de ser feliz. Ando Devagar.*

ALMIR SATER.

Pensando em nossa relação de ensino-aprendizagem e levando em conta a proposta deste material como um recurso mediador entre os diálogos estabelecidos em nossas aulas, início nossos estudos com uma questão bastante simples: o que é História?

Quando trabalhamos dentro das perspectivas metodológicas, as definições, ou seja, os significados e as intenções presentes nos termos conceituais merecem destaque primordial, a fim de evitarem distorções ao longo da formação a que se propõe.

À primeira vista, poderíamos afirmar, com alguma certeza, que História significa:

1. Narração de fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e da humanidade, em geral.
2. Conjunto de conhecimentos, adquiridos através de tradição e/ou mediante documentos, acerca da evolução do passado da humanidade.
3. Ciência e método que permitem adquiri-los

e transmiti-los. 4. Narração de acontecimentos, ações, fatos ou particularidades relativos a um determinado assunto. (FERREIRA, 2004, pp. 376)

Em certa medida, o enunciado acima citado apresenta validade quanto a sua determinação, contudo, deixa certo grau de generalidade em sua definição. Parte da narração de eventos, destes em situações passadas, podendo, também, estender-se para os documentos, os arquivos que temos contato para que possamos ler e 'transmitir' a quem queira se dedicar a ouvir.

Em momento algum, aparece o ouvinte ocupando a condição horizontal, ao mesmo nível do interlocutor, visto que o que se estabelece é um *monólogo*, ao invés de um diálogo. E por longos anos tem sido assim tratada a disciplina de História. Algo que devemos estar atentos a escutar, memorizar e não mencionar valores das leituras que chegam até nós.

Ao contrário disso, estudiosos da área preocupam-se com esta aparente aceitação frente aos estudos de História. Consideram dentro do seu ponto de vista e das atuais formas de educar, que há necessidade urgente de *pensarmos historicamente*:

Refletirmos as ações que nos são relatadas, interpretadas, como que recheadas de valores de quem as pronunciam, e que, em especial, possam adquirir outros significados, na medida em que se estabelecem os diálogos e as trocas de informações, de técnicas e métodos, capazes de fazer surgir pontos antes obscuros e camuflados.

Frente aos desafios impostos pela Educação, pensa-se na possibilidade de construirmos, com nossos alunos, não apenas relações verticais de transmissão, que, em alguns momentos, apresentam-se desta maneira, mas, sim, da possibilidade de mudarmos este plano de visão para o eixo horizontal. Ao auxiliarmos os acadêmicos, com as técnicas necessárias às leituras das fontes documentais, instrumentos de trabalho do historiador, ampliamos seus focos de análises e criamos apreço pela disciplina.

Com isso, não pretendemos formar 'mini-historiadores', como alerta BEZERRA:

É preciso deixar claro, porém, que não é proposta do ensino básico a formação de pequenos historiadores. O que importa é que a organização dos conteúdos e a articulação das estratégias para trabalhar com eles leve em conta esses procedimentos para a produção do conhecimento histórico. (BEZERRA In: KARNAL, 2005, p.43).

Sendo assim, gostaria de abordar, ainda que sucintamente, algumas pretensas respostas à questão: "o que é História?"

Inicialmente, cabe distinguir, aqui, o que, para ARÓSTEGUI (2006), é considerado um dos maiores equívocos frente a esta questão.

Suas críticas avaliam que, entre os profissionais da disciplina de História e em especial entre os Historiadores, pouco se pensa nas questões teóricas, o que, por inúmeras vezes, acarreta prejuízos quase que irreparáveis para nosso campo de estudo. A falta de embasamento teórico-metodológico, faz com que determinadas perguntas caiam no esquecimento, acarretando mau uso da disciplina, mesmo por quem a utiliza e não é profissional específico dela.

O primeiro grande equívoco, destacado pelo autor, é descrever a História como sendo a “*ciência que estuda o passado*”, considerando, nesta pequena oração, duas das grandes questões que caracterizam a área: primeiro a ideia de *ciência*, mais especificamente a exatidão científica e, por conseguinte, a questão temporal apegada exclusivamente ao *tempo*, sendo este passado.

Com efeito, não há conhecimento científico, em primeiro lugar, se não for conhecimento sistemático, que se baseia na observação dirigida e organizada da realidade, que constrói os “dados” e os organiza dando respostas às perguntas sobre os fenômenos, respostas, porém, com alto grau de generalidade. A ciência, em segundo lugar, produz *explicações*, quer dizer, algo diferente de *descrições* e, também, de *interpretações*. As explicações tem de ser universais, coerentes em todas as suas partes e não contraditórias; em sua forma mais perfeita adquirem a forma de *teorias*. Os fenômenos não têm mais do que identidade, não podem ser e não ser uma coisa ao mesmo tempo. O conhecimento da ciência é *fático*, é um conhecimento “de fatos” não “de valores”, que não julga do ponto de vista ético ou de qualquer outro a realidade que explica. Tampouco é um conhecimento de “essências”, mas sim de fenômenos. Finalmente, e esta é provavelmente a característica mais decisiva, é *testável*, pode ser “demonstrado”, explicita o caminho pelo qual as proposições que se enunciam podem ser consideradas ou não como verdadeiras. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 56)

Esta definição aparece em quase uma totalidade dos livros didáticos, mesmos nos que apresentam uma visão mais crítica em relação à História, devendo isso à análise de ARÓSTEGUI, sobre a falta de preocupação com as questões significativas aos conceitos.

De acordo com o pesquisador, enfrentamos esta dualidade, devido:

A questão começa com o fato, comum a outras disciplinas, certamente, de que uma só palavra, História, designou tradicionalmente duas coisas distintas: a História como realidade na qual o homem está inserido e o conhecimento e registro das situações e sucessos que assinalam e manifestam essa inserção. É verdade que o termo *istorie*, empregado pelo grego **HERÓDOTO** como título da mítica obra que todos conhecemos, significa justamente “pesquisa”. Etimologicamente, portanto, uma “História” é uma “pesquisa”. Mas logo a palavra História passou a ter um

#### PERSONALIDADE



**Heródoto:** foi um geógrafo e historiador grego, nascido no século V a.C. (485?–420 a.C.) em Halicarnasso (hoje Bodrum, na Turquia). Foi o autor da história da invasão persa da Grécia nos princípios do século V a.C., conhecida simplesmente como *As histórias de Heródoto*. Esta obra foi reconhecida como uma nova forma de literatura pouco depois de ser publicada. “*Essa é a exposição dos resultados das pesquisas de Heródoto de Halicarnasso, para evitar que o tempo e os fatos humanos caiam no esquecimento...*”.



significado muito mais amplo e a identificar-se com o transcurso temporal das coisas. (ARÓSTEGUI, 2006, pp. 28).

E justamente quando o *tempo* entra na definição, que surge a necessidade de caracterizarmos a disciplina e, em especial, a disciplina como campo de estudo, de maneira a diferenciar a História que é a nossa realidade, seja ela em suas relações no tempo passado ou presente e, mesmo enquanto sistematizadora dos conhecimentos que nos servem de conteúdo escolar.

Desta forma, esclarecidos os equívocos iniciais, ARÓSTEGUI acredita na necessidade de haver a distinção entre a História como *vivência* e a História como *estudo desta vivência*, das análises e das interpretações das ações ocorridas no tempo, mas que permanecem entre nós, no que ele define mais tarde como **PROCESSO HISTÓRICO**.

Para ele:

A palavra historiografia seria, como sugere Topolsky, a que melhor resolveria a necessidade de um termo para designar a tarefa de investigação e escrita da História, frente ao termo História, que denominaria a realidade histórica. Historiografia é, na sua acepção mais simples, "escrita da História". E historicamente pode aludir às diversas formas de escrita da História que se sucederam desde a Antiguidade clássica. [...] Historiografia seria a atividade e o produto da atividade dos historiadores e também a disciplina intelectual e acadêmica por eles constituída. (ARÓSTEGUI 2006, p.36).

Assim, estabelecidos e diferenciados os campos de estudo e as disciplinas, certos autores atentam para a utilidade de se estudar a História, ou seja, segundo ARÓSTEGUI, a historiografia. De acordo com BORGES:

A história procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. A transformação é a essência da história; quem olhar para trás, na história e na sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual, e é através do tempo que se percebem as mudanças. (BORGES, 2007, p.50).

Aos poucos vamos percebendo que as tentativas de responder "o que é História?", vão se distanciando e tomando um outro rumo, como se a questão fosse substituída por: "a que se dedica o estudo de História?", ou, ainda, "para que serve estudar História?", na qual acredito ter maior importância neste curso de formação docente.

São essas transformações de que fala BORGES, que por vezes os profissionais da Pedagogia poderão trabalhar com seus alunos, devido, muitas vezes, a não terem de prender-se à transmissão de determinados conteúdos elaborados fora da realidade a qual estão vivenciando.

Evidenciando esta necessidade de responder a determinadas perguntas, BORGES argumenta:



#### CONTEÚDO RELACIONADO

**Processo histórico:** será explicado com mais detalhes no capítulo 2 desta unidade.

Para muitos, o conhecimento do passado serve para manter as tradições, por vezes no sentido de tentar impedir as permanentes mudanças; para outros, o sentido da história é propiciar o desenvolvimentos de forças transformadoras da sociedade. Portanto, em resposta à pergunta "para que serve a história?" surgem respostas diversas e por vezes opostas. (BORGES, 2007, pp. 58)

Estas novas visões em relação à Disciplina de História corroboram as mudanças exigidas e orientadas pelas novas tendências educacionais. Se o cuidado que temos que ter é possibilitar aos nossos alunos as instruções necessárias para dar-lhes o direito à palavra, a comunicação, e em especial a crítica; é chegada à hora de pensarmos em mudanças frente a nossas práticas, sendo estas mediatizadas por nossas falas, nossas palavras e a pronúncia de que fazemos delas.

Ao considerarmos nossos alunos como sujeitos de suas historicidades, também nos incluímos nesta perspectiva, para que possamos deixar de lado as reproduções universais e reducionistas de conteúdos forjados em cima de nossas ações.

Com vistas neste interesse, cabe nos referirmos a FREIRE (1987), que, mesmo sendo um educador e não um Historiador, alerta para as questões acima discutidas.

A concepção e a prática "bancárias", imobilistas, "fixistas", terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. (FREIRE, 1987, pp. 72-73)

Dentro da sua concepção, FREIRE nos mostra a necessidade de conduzirmos nossas práticas a partir das realidades em que estamos inseridos e, que esta mesma realidade faz com que as demais pessoas que dividem conosco as relações também apresentem vida. Ao contrário do que se pensava sobre a História ficar restrita ao passado, amplia-se o foco de visão, considerando-a como presente, constantemente presente.

#### **APLICAÇÃO PRÁTICA**

Telefone sem fio: demonstra-se, por meio desta atividade, que as ideias perpassadas de pessoas a pessoas ou de grupos para grupos, sofrem interferências em seus significados originais, modificando assim a informação e mesmo a interpretação de determinado evento, da mesma forma que algumas ideias são elaboradas para este fim, ou seja, para que modifiquem seus significados ao longo dos tempos. A atividade consiste em interagir os acadêmicos/alunos, que precisam retransmitir a frase abaixo, falando ao ouvido do colega. Após uma sequência de pessoas, a frase é dita em voz alta para o restante da turma, ao atingir a última pessoa do círculo, podendo ser pronunciada como a original, ou ainda, como de fato acontece em apresentar divergência da inicial. Exemplo: "Enquanto o dominado não dominar o que o dominador domina, não conseguirá sair de seu estado de dominação." (SAVIANI, In: FARIA, 1984, p.79)

Mesmo FREIRE não sendo historiador e não tendo esta preocupação específica em sua fala, em certo grau apresenta afinidade com ARÓSTEGUI quanto à ideia de *'processo histórico'*, ou seja, de continuidade, evitando, por assim dizer, que a História possa ser definida como um relato fiel de certo tempo e que não apresente correlações, sejam estas nem antes ou nem depois do espaço-temporal a que se refere.

Sabe-se sobretudo que, de uma página para outra, o historiador muda de tempo sem prevenir, conforme o tempo das fontes, que todo o livro de História é nesse sentido um tecido de incoerências e que não pode ser de outro modo; esse estado de coisas é insuportável para um espírito lógico, mas para isso não há remédio nem pode haver. [...] Um século é um branco em nossas fontes, e é com dificuldade que o leitor sente a lacuna. O historiador pode demorar-se dez páginas sobre um só dia e sobrevoar dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como num bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos. (VEYNE, In: SILVA, 1980, p. 46-47)

Desenvolvidos até aqui os conceitos e as diferenciações em relação à História, cabe darmos prosseguimento quanto aos objetos de seu estudo. Algumas destas definições que seguem possibilitarão um panorama mais amplo para pensarmos as questões didáticas e as formas de se trabalhar a disciplina.

## 2. O SENTIDO POLÍTICO E SOCIAL DA HISTÓRIA.

*Você não sente nem vê  
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo,  
Que uma nova mudança em breve vai acontecer  
E o que há algum tempo era novo, jovem  
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer.*

**Velha Roupa Colorida**

BELCHIOR.

Imagine-se tendo de trabalhar, com seus alunos, conteúdos de História, em uma escola pública, localizada em um município com não mais de sete mil habitantes. Como podemos organizar nossas aulas?

Partindo da compreensão que temos da disciplina de História, sabemos que os homens e as mulheres são os construtores do que convencionalmente determinamos *História*. Em seu cotidiano, é provável que não ocorram fatos marcantes como os de um senado, de um quartel militar ou mesmo de um ginásio olímpico. Mas isso não desqualifica nossa ação na História.

Assim, podemos não encontrar nossos sobrenomes nos livros didáticos, nem mesmo aquela memória que temos de nossos tempos de estudantes. Mas podemos sim trabalhar com elas.

Para isso, é fundamental entender como se organizam os conhecimentos da História. Quais são os *elementos* que constituem este saber. Assim, vamos neste capítulo encontrar definições e significados para – *o tempo* – *os fatos* – e os chamados – *sujeitos* – que fazem o dia a dia da História.

Ao considerar que estou desenvolvendo este material para um Curso de Formação Docente, necessito descrever significações a fim de tornarmos o conhecimento mais acessível, sem que me alongue demasiadamente nas explicações.

### 2.1. TEMPO

Quando abordarmos as definições sobre o 'tempo', muitas delas irão abarcar as lacunas deixadas por outras, mas destaco aqui algumas das quais avalio serem as mais adequadas ao trato da Disciplina de História:

As considerações sobre a riqueza e complexidade do conceito de tempo são imprescindíveis para que sejam evitados os anacronismos, não tão raros nas explicações históricas. O anacronismo consiste em atribuir a determinadas sociedades do passado nossos próprios sentimentos ou razões, e assim interpretar suas ações; ou aplicar critérios e conceitos que foram elaborados para uma determinada época, em circunstâncias específicas, para outras épocas com características diferentes. (BEZERRA, In: KARNAL, 2005, pp. 45).

Uma outra questão também nos aparece visível: como explicar o tempo para nossos alunos? Como mostrar a eles que existe um processo no qual os conteúdos históricos são demarcados temporalmente como recurso didático?

É claro que não temos a intenção aqui de tratar isso com os alunos da educação básica, e, sim, aqui na Pedagogia, para extrairmos compreensões acerca de como eles podem compreender a História:

Para a construção da idéia de história, no entanto, o que interessa, na realidade, é a maneira pela qual a significação do tempo como um componente interno, inserido realmente nas coisas, pode ser captada e explicada por nós de forma objetiva: de que forma o tempo atua sobre a *existência das coisas* e se manifesta no processo histórico. (ARÓSTEGUI, 2006, p.272)

Considerando a faixa etária de nossos alunos em idade escolar, concordamos com as análises desenvolvidas por **JEAN PIAGET** (*In: GOULART, 2005*), bem como com as teorias de **LEV. S. VYGOTSKY** (*In: REGO, 1995*), quando o primeiro salienta a necessidade do conteúdo disciplinar estar adequado às estruturas mentais da criança, a partir de seu amadurecimento intelectual. O professor dos anos iniciais encarrega-se de criar condições para este amadurecimento, ampliando os horizontes do aluno por meio dos variados estímulos a sua forma de perceber o mundo.

Em contrapartida, Vygotsky, com seu olhar *sócio interacionista*, não apenas acredita que cabe ao professor (a) proporcionar os estímulos para alcançar a aprendizagem, mas sim, que os fará mediante a realidade dos alunos, das suas vivências e portanto, inseridos no espaço cultural onde se desenvolvem, deste modo, sendo o meio social em que o aluno vive, o ponto de partida para compreender as suas historicidades, lhes conferindo as formas de conviver com o mundo. Neste ir e vir, os alunos vão interpretando suas ações e as manifestações dos demais sujeitos da História, sem que com isso tenham de esperar até estruturar-se mentalmente para determinados eventos.

A indicação destes autores encontra ressonâncias, quando, por exemplo, deparamo-nos com a necessidade de trabalhar o conceito de tempo com as crianças. Ao propormos a construção de uma **LINHA DE TEMPO**, segundo a visão de PIAGET (*In: GOULART, 2005*), esta serviria para auxiliar a noção temporal, que parte de situações concretas, para posteriormente adquirir conhecimentos abstratos.

Segundo VYGOTSKY (*In: REGO, 1995*), tal noção *não deve* limitar-se apenas ao estilo cartesiano, composta por números ou por figuras, desenhos e, sim, deve incorporar, na sua construção, elementos de caráter social: a constituição diferenciada das famílias; as idades escolares; os objetos pertencentes às crianças; o meio espacial onde ela vive; suas ações e suas atitudes, ou seja, tudo o que acontece conosco, só com a pequena diferença de estarmos nos referindo às crianças.

## PERSONALIDADE

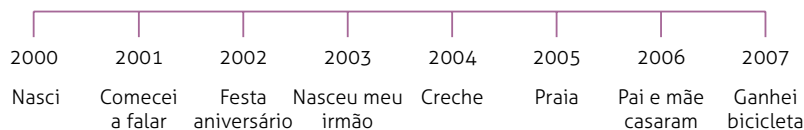


**Jean Piaget** (1896-1980) foi uma criança precoce, tendo publicado seu primeiro artigo sobre um pombo albino aos 11 anos de idade. No início de sua carreira acadêmica, Piaget se interessou pela psicanálise. Mudou-se para Paris, França, dirigido por Alfred Binet, que desenvolveu o teste de inteligência de Binet. Foi durante seu trabalho com os resultados destes testes que Piaget percebeu regularidades nas respostas erradas das crianças de mesma faixa etária. Esses dados permitiram o lançamento da hipótese de que o pensamento infantil é qualitativamente diferente do pensamento adulto.

## ATENÇÃO

**Construtivismo** é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. Esta concepção do conhecimento e da aprendizagem que derivam, principalmente, das teorias da epistemologia genética de Jean Piaget e da pesquisa sócio-histórica de Lev Vygotsky, parte da ideia de que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo\\_\(pedagogia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo_(pedagogia))

Neste sentido, cabe elucidarmos com um exemplo. Observe-mos a representação abaixo:



A princípio, o que temos acima é uma linha de tempo, mais precisamente, uma linha de tempo construída por uma criança, neste caso, uma criança imaginária, bem como sua construção temporal.

Poderíamos afirmar que, em quase todos os casos, elas se assemelham e, de fato, se considerarmos sua idade escolar, até apresentamos coerência com essa afirmação. Ao contrário disso, dos elementos que usamos para compô-la, da linha, dos números, que poderiam ser muito bem substituídos por gravuras, percebemos mais claramente o que Vygotsky esclarece.

O que a torna diferente de criança para criança, não é, sem dúvida, os números ou as imagens, mas sim, as situações sociais – históricas – a qual esta criança pertence. Os dados indicados por ela mostram como sua vida se organiza, como acontecem as sucessões no tempo, as mudanças e as permanências, as diferenças e semelhanças quando postas em comparação com outras crianças da sua idade.

Esta diferenciação dos dados apresentados é o ponto forte a que se dedica a História. As diferenças e similitudes impressas neste tempo decorreram das suas ações e das de outras pessoas com as quais convivem, em modificação e transformação no espaço o qual vivem. Exemplo disso é quando olhamos a linha com mais atenção e percebemos que a criança nasceu no ano de 2000, porém, seus pais casaram em 2006, fato contraditório aos muitos livros didáticos que tratam do assunto. Há a necessidade de mostrar às crianças os conflitos que a História apresenta, sem que, com isso, queiramos dizer que conflito significa discórdia, guerra, pelo contrário, dizemos, sim, que a História não nos chega em perfeita harmonia.

Porém, em ambos os casos, o professor apresenta-se como mediador do processo, em que, como percebemos, o pesquisador *interacionista* acrescenta que o meio social e seus processos históricos são fundamentais para o entendimento intelectual da criança, ao passo que o *construtivista* restringe as adaptações mentais aos conteúdos, mas que devem ser trabalhados por variados estímulos.

## 2.2. FATO(S) – EVENTO(S)

Ao imaginarmos uma aula de História, podemos, quase que sem dúvida, afirmar que o (a) professor (a) esteja trabalhando algum evento com seus alunos. Este pode ser de caráter cultural, polí-

## PERSONALIDADE



**Lev Semenovitch Vygotsky** (1896 – 1934) foi um psicólogo bielorrusso. Pensador importante em sua área, foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Veio a ser descoberto pelos meios acadêmicos ocidentais muitos anos após a sua morte, que ocorreu em 1934, por tuberculose, aos 37 anos.

## ATENÇÃO

**Interacionismo** é a interação entre o indivíduo e a cultura, onde, para Vygotsky, é fundamental que o indivíduo se insira em determinado meio cultural para que aconteçam mudanças no seu desenvolvimento. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Interacionismo>

tico, econômico ou social, até mesmo étnico, religioso ou ainda algum que englobe vários desses.

Esses 'eventos', em sua maioria, são chamados de 'fatos', ou seja, os dados históricos que foram mencionados importantes para nossa erudição e que, de certa forma, têm de ser ensinados aos alunos. Mas é imprescindível destacar que os fatos vão além desta simples conotação.

Nesse quadro conceitual de processo, se dimensiona a compreensão do conceito de "fato histórico", de "acontecimento", que têm sua importância como ponto referencial das relações sociais, no cotidiano da História; no entanto, o sentido pleno dos acontecimentos, em sua dimensão micro, se resolve quando remetido aos processos que lhe emprestam as possibilidades explicativas. Enfim, o fato histórico toma sentido se considerado como constitutivo dos processos históricos, e nessa escala deve ser considerado. (BEZERRA, In: KARNAL, 2005, pp. 44).

Logo, ao abordarmos o conceito de fato, já postulamos uma outra significação do conhecimento histórico – o *processo*, citado no capítulo anterior. Este, de acordo com BEZERRA (In: KARNAL, 2005), vai além da simples elucidação de um evento. O processo se apresenta como o próprio *devir da História*, que dela o historiador, a partir de *seus interesses*, ou dos *interesses a quem ele serve*, destaca determinados acontecimentos, que por vezes ganharão dimensão histórica, outras tantas, não passarão de meras alusões.

O objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços. Os historiadores estão atentos às diferentes e múltiplas possibilidades e alternativas apresentadas nas sociedades, tanto nas de hoje quanto nas do passado, que emergiram da ação consciente ou inconsciente dos homens; procuram apontar para os desdobramentos que se impuseram com o desenrolar das ações desses sujeitos. (BEZERRA, In: KARNAL, 2005, pp. 42).

De acordo com esta afirmação, especificamos um pouco mais o conceito de processo histórico:

Na verdade, o passado humano não é uma agregação de ações separadas, mas um conjunto de comportamentos intimamente interligados, que têm uma razão de ser, ainda que na maioria das vezes imperceptível para nossos olhos. O processo histórico constitui-se dessas práticas, ordenadas e estruturadas de maneiras racionais. São os problemas colocados constantemente na indeterminação do social que fazem com que os homens se definam pelos caminhos possíveis e desenhem os acontecimentos que passam a ser registrados. Os registros ou as evidências da luta dos agentes históricos são o ponto de partida para entendermos o processo histórico. (BEZERRA, In: KARNAL, 2005, pp. 43).

Por vários anos, as concepções históricas desacreditaram o valor de processo à chamada História, sendo esta não apenas a

#### SAIBA MAIS

**Linhas de Tempo:** organizar de forma concreta o transcorrer de determinados eventos da História, tendo como ponto de partida a vida do aluno. Busca-se introduzir alguns conceitos sobre as transformações ocorridas ao longo do processo histórico; as mudanças e permanências; a simultaneidade dos eventos; a relação do antes – depois – agora e a sucessão e sua inter-relação entre os eventos destacados. Composição: Imagens – fotos de épocas (preferencialmente pertencentes ao aluno ou ao seu grupo), fotos atuais, desenhos manuais, pinturas, gravuras; Numeradas – datas ou números presentes na vida do aluno ou dos seus espaços vivenciados; Ciclos Agrícolas, Estações do Ano – imagens ou características presentes ao seu desenvolvimento; Objetos – ferramentas, roupas, veículos, utensílios domésticos, fósseis humanos e animais, registros materiais arqueológicos, objetos de informática, telefones, rádios, livros, instrumentos musicais, obras arquitetônicas e seus vestígios, moedas, etc.;

#### SAIBA MAIS

**Varal da História:** mesclando elementos da linha de tempo, pode-se fazer uma analogia à Literatura de Cordel, intensificando e instigando a produção de textos e recursos didáticos sobre determinados temas da disciplina.

disciplina escolar, mas sim a magnitude de situações, mudanças, transformações ocorridas ao longo dos anos, nos mais variados espaços ocupados pelos homens – sujeitos do seu saber e fazer. Quando novas teorias surgem para alterar os quadros interpretativos, também as noções mais simples recebem reformulações, carregam consigo novas intenções ao ensino de História. Ao considerarmos novas significações, concomitantemente teremos outras definições do que é História e das partes constituintes desta.

Assim, a História, concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para vida produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais dos grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar relações possíveis com o passado. (BEZERRA, *In*: KARNAL, 2005, pp. 44).

### 2.3. SUJEITOS

Para encerrar a tríade, ainda precisamos atentar para os sujeitos da História, dos processos nos quais os homens agem constantemente, mas que, por determinadas visões da História, ficaram relegados a nomes importantes, muitas vezes heróis e seus grandes feitos. Representados aqui por homens, brancos, heterossexuais e, claro, “normais”.

Contrários a esta prerrogativa, vamos atentar para o seguinte enunciado.

[...] é necessário acentuar que a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos. (BEZERRA, *In*: KARNAL, 2005, pp. 45).

Estes sujeitos somos todos nós, que, em alguma medida, sempre estivemos presentes quando líamos sobre as revoltas, as guerras ou os grandes “descobrimientos”. Estivemos presentes desde o momento que o homem registra sua ação pela Terra, com a pequena diferença, ou quem sabe, não tão pequena assim, de que sem um “nome” de destaque, não tínhamos antes identidade.

Especificados os objetivos elementares da disciplina de História, nossa redação encaminha-se a um quadro sobre o “tempo”, com base no raciocínio de Jean Piaget.

#### *Curiosidades*

Você sabe identificar a qual século pertence determinada data?

Se a data que você estiver examinando terminar em *dois zeros*, o



século corresponde ao (s) primeiro (s) algarismo (s) que está (ão) à esquerda do número analisado. Observe:

- Ano 200 a.C.: o ano 200 a.C está inserido no século II a.C;
- Ano 1600: o ano de 1600 está inserido no século XVI;
- Ano 2000: o ano 2000 está inserido no século XX.

Quando o ano não terminar em dois zeros, basta eliminar a unidade e a dezena que o compõem e somar 1 ao restante do número.

- Ano 450 a.C.: século V a.C. ( $4 + 1 = 5$ )
- Ano 80: século I ( $0 + 1 = 1$ )
- Ano 1830: século XIX ( $18 + 1 = 19$ )
- Ano 1998: século XX ( $19 + 1 = 20$ )
- Ano 2001: século XX ( $20 + 1 = 21$ )

#### **PARA QUE SERVE O CONCEITO DE TEMPO?**

Para responder a esta questão, precisamos compreender primeiro a Noção de *Dimensão*.

**1ª Dimensão:** Tempo Físico ou Objetivo:

Localizar-se no Tempo;

Situar fatos da sua vida cotidiana e da dos outros;

Construir e interpretar linhas de tempo;

Trabalhar com medidas de quantificação: dias, meses, anos, séculos, etc.

Para que se consiga *compreender* e *perceber* o transcorrer do tempo e se saiba fazer sua *quantificação* e *representação*.

**2ª Dimensão:** Tempo Histórico ou Subjetivo:

Iniciar na criança a Análise de conteúdos de épocas;

Perceber o seu tempo (objetivo/subjetivo) como diferente de outros tempos e épocas;

Mostrar que o Tempo Histórico ou Subjetivo é fruto de uma Construção Social, em que diversos determinantes histórico-sociais influem.

Serve para desenvolver a capacidade de perceber que num mesmo *período cronológico*, podem *existir* diferentes situações de vida, diferentes sociedades, enfim, *diferentes tempos históricos*.

Entender o tempo como uma direção *contínua*.

*“O Tempo é o Produto da História. O Movimento denota o Existir do Tempo.”*

**Etapas na construção da noção de tempo:**

Operar com o espaço, por exemplo, é mais simples para a maioria das crianças do que operar com o tempo.

Exemplo: Crianças de 4–5 anos, têm dificuldades em compreender quanto tempo falta para o seu aniversário. Caso seja em janeiro e nós dissermos que faltam cinco meses, elas podem não compreender. Isso ocorre porque a noção de tempo está ligada à noção de espaço e causalidade.

Exemplo: Seu aniversário acontece quando ela viaja para a casa dos avós, nas férias. Essas experiências concretas ela já vivenciou e construiu. Portanto, consegue relacioná-las mais facilmente.



As chamadas *fontes documentais*, ou mesmo *documentos* históricos, são sem dúvida, instrumentos de trabalho de todo o profissional que pretenda desenvolver suas pesquisas e, para isso, tê-las como suporte para suas interpretações.

Claro que para isso devemos considerá-las dentro de um esquema de trabalho, de planejamento, no qual a pesquisa bibliográfica confere também significados que as *fontes* nem sempre conseguem nos iluminar.

Para COHEN e MANION (1997), as fontes de dados na pesquisa histórica podem ser classificadas em dois grupos principais:

- a. fontes primárias – que representam a vida da investigação histórica;
- b. fontes secundárias – as quais podem ser usadas na falta de, ou como suplemento das primárias.

#### Fontes Primárias:

Estas são documentos considerados “*originais*”, ou seja, são materiais produzidos e preservados, que trazem consigo as características que lhes deram origem. Podem apresentar-se de formas variadas, visto que são resquícios de um tempo, de uma ação, de um momento, que tiveram utilidade para o período, podendo ter sido cuidados ou se mantidos resguardados por diferentes razões.

No caso de documentos escritos, podemos listar vários, como, por exemplo, as atas de uma determinada reunião, que foram produzidas em um determinado período e carregam consigo informações sobre o evento em questão.

Muitas vezes, fragmentos da História serão interpretados em materiais que a grande maioria das pessoas pode dar como descartáveis, como, por exemplo, selos de cartas. A princípio, estes apenas indicariam o valor da correspondência, mas, para o olhar clínico do historiador, podemos arriscar algumas hipóteses sobre o local de origem da carta, o período e o ano no qual esta foi escrita, como tantas outras questões que não cabe aqui elucidar.

Para exemplos, citamos alguns documentos considerados como fontes primárias: esqueletos, fósseis, armas, ferramentas, utensílios, edifícios, pinturas, móveis, moedas e objetos de arte, documentos, leis, relatórios oficiais, autobiografias e biografias, cartas, diários, testamentos, contratos, declarações, relatos de jornais e revistas, relatórios de pesquisa, relatos orais (memória oral), catálogos, pinturas, discos, e-mails, gravações, fonogramas, fósseis, restos humanos, restos de alimentos, roupas, fotos, símbolos, etc.

#### GLOSSÁRIO

**Arqueologia:** Dedicar-se a estudar vestígios materiais, produzidos pela ação do homem ou de animais, por exemplo, pontas de flecha confeccionadas em pedras lascadas.

#### GLOSSÁRIO

**Paleontologia:** Tem como foco o estudo dos fósseis, que são derivados de seres vivos, ou seja, vegetais e animais, como, por exemplo, ossos.

### Fontes Secundárias:

Parece que, quando nos referimos às fontes secundárias, após termos noções do que são as primárias, fica mais fácil arriscar sua definição. Estas são materiais decorrentes do *uso* e de *interpretações* das primeiras, servem de suporte bibliográfico em sua maioria, como também podem vir sob outras formas, que não sejam apenas os livros.

Ao procedermos a uma entrevista, colhemos depoimentos orais, nos quais teremos a necessidade de nos fundamentarmos em outros materiais, para que estes possam dar validade às nossas interpretações das entrevistas. Em geral, usaremos livros, monografias, teses, para que, com suas análises, possamos também argumentar com as nossas.

Mas gostaria ainda de destacar que é sempre bom ter o cuidado com essas categorias e definições. Se, por exemplo, quisermos pesquisar como eram lecionadas as aulas de História no período da ditadura militar no Brasil, teremos de ter contato com os livros didáticos de História produzidos neste período, logo, nossa fonte primária nesse caso será o livro!

Outro cuidado que se deve tomar é imaginar que somente existem *fontes materiais*. Hoje, existem cadastradas no IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma infinidade de registros que atestam a vida dos homens, que não são apenas derivados de coisas palpáveis. Entre elas existem músicas, línguas e seus dialetos, comidas (exemplo: o vatapá), lendas que não foram escritas, memórias e práticas de parteiras e benzedeiros, entre tantas outras. E, ainda, no quesito material, encontramos prédios, casas, estruturas arquitetônicas, brasões, bandeiras, etc.

Gostaria, também, de citar um pequeno trecho de um livro que aborda com clareza a situação das fontes e, em especial, dos usos destas nas diferentes visões – *teorias* – da História, para que em seguida possamos estudar com mais riqueza a segunda unidade.

Não há ensino nem pesquisa em História sem documento. Mas o que vem a ser o documento; qual sua importância e como utilizá-lo como fonte de pesquisa e de estudo em geral?

O documento escrito para os positivistas em fins do século XIX era a garantia de que a História possuía seu próprio estatuto de ciência. Só o documento escrito tinha legitimidade; era concebido como material histórico. Se fosse oficial, seu valor aumentava, pois suas informações possuíam maior objetividade, portanto maior peso enquanto prova histórica e científica. O documento é visto e valorizado como álibi da objetividade. Ocorre, na verdade, fetichização do documento escrito em oposição a outras formas de registro da cultura e da história da longa trajetória humana e que continua sendo registrada.

A concepção positivista parte do princípio de que não há intencionalidade na ação estudada, nem na ação do historiador. Isto é, o conhecimento vai sendo constituído neutro e naturalmente, sem intervenção da subjetividade do historiador ou do professor de História.

Tal concepção toma no mesmo sentido o real e o documento, transformando o real em conhecimento histórico e o documento em prova científica. Apreender o real significa conhecer os fatos relevantes apresentados e estudados pelo historiador. Mas só é considerado relevante para a História àquilo que se encontra documentado, eis porque a história política institucional tem maior importância para os historiadores positivistas.

Esta postura é amplamente criticada pelas várias vertentes do marxismo bem como pelo grupo de Annales. Os marxistas colocam as ações humanas no centro do conhecimento histórico e o historiador como agente, sujeito e produto do processo histórico em construção.

Da mesma forma, os Annales destacam a questão da intencionalidade e da história-problema de um conhecimento histórico apoiado em amplos esquemas explicativos.

Na visão positivista, cabe ao historiador única e exclusivamente tirar dos documentos o que está expresso neles, tomando o máximo de cuidado para não acrescentar-lhes nada, pois o documento fala por si só. "O melhor historiador seria aquele capaz de manter-se o mais próximo possível dos textos, despojando-se das idéias pré-conceituosas." (ARAUJO VIEIRA, 1991, p. 14).

Amplia-se a noção de documentos, incorporando ao documento escrito outros tipos de registros, como objetos, signos, passagens, moedas... A concepção de documento está profundamente ligada à experiência humana, não importando a forma como foi ou é expressa; importa que seja a expressão da história viva do passado/presente de homens reais. "[...] pensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas com o saber erudito, com a escolha de um método, com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas com necessidades, interesses e antagonismo" (ARAUJO VIEIRA, 1991, pp. 19).

HORN, Geraldo B.; GERMINARI, Geysa D. **O Ensino de História e Seu Currículo: Teoria e Método**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006, pp. 98-100.

 SAIBA MAIS

**Filme:** VERHOEVEN, Michael. **Uma Cidade sem Passado**. Prêmio Urso de Prata, Festival de Berlim 1990, Indicado para o Globo de Ouro. Globo Vídeo, 1990, 92 min.

**Sinopse:** Na Alemanha da década de 1970, a jovem Sonja, uma estudante querida em sua comunidade, premiada como ensaísta, resolve se inscrever num concurso de monografias sobre o tema "Minha Cidade Durante o Terceiro Reich". Usando das relações e dos prestígios de seus parentes, Sonja pensa que será fácil obter informações nos arquivos de sua cidade, mas nem todos querem colaborar. Ninguém quer remexer o passado, se envolver. E a jovem tem que enfrentar a sociedade, numa desagradável busca, num momento inoportuno. Ela insiste, mas a cidade quer silenciá-la. Sonja resolve atingir seu objetivo, nem que para tanto leve toda sua vida para ter acesso aos arquivos, às verdades dos que viveram sob o regime nazista. Um filme instigante com um roteiro sarcástico baseado em uma história real.

Sendo assim, na sequência, damos segmento às teorias da História, que, desde o texto supracitado, já podem ir esclarecendo alguns pontos preliminares quanto a sua utilização.

## REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA UNIDADE A

- ANTUNES, Aracy Rego. **Estudos Sociais: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: RJ, Access Editora, 1993.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa Histórica: teoria e método**. Tradução: Andréa Dore; revisão José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti. (org). **O Ensino em Estudos Sociais**. 2º ed. Revisada. Ijuí: Unijuí, 2002.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. **IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6. ed. rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, JR: Editora Paz e Terra, 17 ed., 1987.
- HORN, Geraldo B.; GERMINARI, Geysa D. **O Ensino de História e seu Currículo: Teoria e Método**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.
- KARNAL, Leandro (org.). **História da Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- MOTA, Myriam Becho (org). **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- VEYNE, Paul. Tudo é Histórico, portanto a História não Existe. In: SILVA, Maria Beatriz N. da. **Teoria da História**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1991, p. 45-55.

## UNIDADE B

# CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES HISTÓRICAS

## INTRODUÇÃO

Nesta Unidade, trataremos especificadamente de cada uma das Teorias da História que nos servem com seus encaminhamentos metodológicos na busca da compreensão das ações dos homens e mulheres em nosso planeta.

Vamos conhecer as vertentes teóricas e suas implicações no ato de educar, uma vez que não iremos estudar as teorias isoladas apenas no campo da História, mas compreendê-las dentro dos paradigmas de pensamento de cada época. Esses também estruturam a forma de se pensar em outras áreas, como em nosso caso específico, o campo da Pedagogia.

## OBJETIVOS

- Identificar os **PARADIGMAS** a que pertencem as Teorias da História;
- Reconhecer seus **AXIOMAS** principais e sua correlação com a Educação;
- Identificar nas produções históricas as teorias e suas características interpretativas.

## 1. MULTIPLICIDADE E VARIAÇÃO DOS SENTIDOS A SE APODERAR E COEXISTIR DE UMA QUANTIDADE DA REALIDADE

*A minha história é talvez,  
é talvez igual a tua.*

Fotografia 3x4

BELCHIOR.

Ao recorrermos às definições tradicionais de História, a partir de um olhar atento, identificamos vertentes de pensamentos que por vários e longos anos conduziram a prática dos docentes em suas escolas e mesmo as produções “científicas” nas instituições superiores de ensino. Para exemplo disto, citamos a introdução de um livro didático que traz, em suas páginas iniciais, o que é História, questão essa por nós trabalhada no primeiro capítulo:

O que é História e como devemos estudá-la? A História é o estudo daquilo que os homens já realizaram, da maneira como viveram, como se vestiram, como se alimentaram, como moraram, de que maneira trabalharam e porque trabalharam. A História nos informa também como os homens se organizaram politicamente e como foram governados. É por

## az GLOSSÁRIO

**Paradigma:** modelo, padrão. Aqui utilizo em sentido filosófico, sendo este constituído por princípios gerais que caracterizam uma forma de pensar, de organizar o mundo, uma doutrina filosófica. Dele, partem as diferentes vertentes de pensamento, tendo uma raiz em comum.

## az GLOSSÁRIO

**Axioma:** Verdade evidente por si mesma. Aqui utilizo como sinônimo de princípio determinante da teoria.

intermédio da história que tomamos conhecimento daquilo que o homem já realizou no campo cultural, científico e as diferentes maneiras de suas escritas. Cabe ao historiador o papel de efetuar as pesquisas e relatar fielmente os fatos, sem tomarem partido de qualquer acontecimento. O passado forma um todo e o estudante iniciante de História precisa aprender a vê-lo como tal. Portanto, podemos definir a História como "um relato fiel de tudo o que o homem já fez desde o passado até os nossos dias". (ARAÚJO, 1985, p. 8)

Ao procedermos à leitura, percebemos que a conjugação dos verbos encontra-se no passado, pois o discente inicia seu processo de *memorização* e compreensão de algo que se encontra *distante da sua vivência*.

O que poderia passar despercebido, considerando a faixa etária a qual se destina este material, é o entendimento que somente o "*historiador*", e apenas este, possui o direito e a responsabilidade de pesquisar o que já "aconteceu", e não o aluno em seu processo de aprendizagem, o qual não deve relacionar este "relato fiel" com suas ações presentes.

Principalmente, é dever de ambos, não "tomarem partido de qualquer acontecimento", considerando-o, neste caso, como "*Verdade Absoluta*", ou seja, um pressuposto Positivista.

São estes os materiais, alguns postos sob outras formas, que servem, na sua maioria, de recurso didático aos nossos futuros docentes. Contudo, existem, também, materiais com posturas diferentes, quanto às visões da História.

Brevemente, adiantamos o raciocínio que mais tarde faremos, com um exemplo sucinto. Suponhamos que determinado docente se aproxime das **TENDÊNCIAS CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO**. Por vezes, irá estabelecer, inicialmente, sua prática a partir do diálogo. Irá considerar uma relação horizontal para com seu aluno, a fim de que possam discutir abertamente determinados tópicos da disciplina.

Ambos neste caso são agentes de seu saber e os constroem de forma autônoma. Porém, algumas instruções devem ser trabalhadas primeiramente, a fim de situar os discentes com os objetivos propostos pelo planejamento do professor. Esta instrumentalização será eficiente no que tange às técnicas de interpretação ou outra metodologia proposta, para que, no final, possam sistematizar os conteúdos de maneira clara e compreensível.

Como estamos tratando da disciplina de História em particular, de antemão se pode imaginar que os recursos didáticos que o professor irá disponibilizar ou que os alunos se encarregam de pesquisar terão de ter a *mesma orientação* para o processo educacional. Logo, a discussão das causas e efeitos, ao longo da História Universal, não será bem-vinda nesta sala de aula. Por quê? Porque estes conhecimentos acumulados não se aproximam da realidade dos alunos e, nem mesmo, foram produzidos no seio das discussões.

## GLOSSÁRIO

### **Tendência Crítica da Educação:**

Tendências Críticas da Educação, segundo classificações de LIBÂNEO (1986), como as vertentes Progressistas: Libertária, Libertadora e Crítico Social dos Conteúdos.



Serão conteúdos prontos e dados como acabados, que no máximo, poderão ser pronunciados caso queira-se estabelecer críticas e considerações a sua formulação. Ao contrário disso, tratá-los como “*verdades*”, enunciados fechados em suas definições, não apresenta coerência com a prática educacional em questão.

Em especial, são estes os cuidados que quero mencionar nesta segunda unidade. Cuidados na escolha dos recursos, na formulação dos planejamentos, na busca pelos materiais que darão suporte às falas, às dinâmicas e em especial aos diálogos, que consideramos eficientes quando nos propomos criar relações de ensino–aprendizagem nesta disciplina.

Com base na ‘*Bibliografia Complementar*’, sendo esta o suporte bibliográfico para os aprofundamentos, para as leituras e melhores compreensões acerca das Teorias da História, reservei-me a sintetizar, de forma bastante sucinta, as principais características e axiomas destas vertentes de pensamento.

Por si só, estas “*sínteses*” são limitadas em sua compreensão, visto que trazem apenas os tópicos que devem ser pesquisados nas referências indicadas ou em outros materiais que por ventura devam ser incluídos.

Nos capítulos a seguir, apresento apenas seis das teorias da História, incluindo suas variações, que considero úteis aos acadêmicos do Curso de Pedagogia, mesmo sabendo que, além destas, outras tantas recheiam nossa realidade. Entretanto, visto a limitação da disciplina integrada neste Curso, e em especial das atuações a que se propõem os futuros docentes, estas servirão de base, caso seja preciso, para ampliarem seus espectros de visão.

Antes de iniciarmos as teorias propriamente ditas, cabe aqui esclarecer, de forma objetiva, os dois grandes paradigmas de pensamento ocidental: “*se observarmos o mundo, podemos descobrir que ele está constituído por fenômenos e objetos. E estes são de natureza material ou espiritual.*” (TRIVIÑOS, 1987, p.17). Sendo assim:

Isto significa que, diante do problema fundamental da Filosofia, o da ligação entre o *material* e o *espiritual*, não cabem senão duas respostas. Uma está representada pelo *Idealismo Filosófico* que considera primário o espírito, a idéia, o pensamento, a consciência. A outra, pelo *Materialismo Filosófico*, que diz o contrário, que é a matéria o primeiro, que ela existiu antes do pensamento. A ideia, a consciência, seria o aspecto secundário. Sendo assim, os idealistas acham que foi a consciência, a ideia, que criou a realidade objetiva, os materialistas consideram o espiritual como derivado do material. (TRIVIÑOS, 1987, p.18)

Essa disputa entre a forma de entender o mundo gera as mais diferentes interpretações da História. Mas aqui temos de refletir uma questão: por trás de uma interpretação, qual o sentido ideológico que esta carrega consigo?

## 2. HISTORICISMO

O Historicismo é uma corrente de pensamento histórico, proveniente do paradigma que se sustenta pelo *idealismo filosófico*, ou seja, a afirmação de que o mundo e os homens são regidos pelas ideias, e destas que se criam as normas e condutas para viver em sociedade.

Seu principal expoente foi **GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL** (1770 – 1831). Estudou em Seminário Teológico, sob influência de Kant e Rousseau. Para Hegel, o que chamamos de História vinha denominado por '*História Universal*', sendo regida pelo *Espírito Cósmico*, a consciência ou a ideia, como algo deslocado da ação dos homens.

Esse *espírito cósmico* é um princípio fundamental para se compreender a História, uma vez que ele está pronto, acabado, cabendo apenas ao homem, sendo este homem membro da realeza ou de uma classe abastada, que tem poder de *gerência* sobre os demais, conduzir a sociedade conforme esta ideia primeira, única e universal.

Geralmente as produções historiográficas desta corrente de pensamento tratavam dos grandes feitos dos homens, de suas batalhas, da ação dos reis e seus membros, sempre delegando a seus governos esta virtude **METAFÍSICA** de conceber a sociedade.

Por fim, destaco alguns de seus axiomas fundamentais, mas alerta novamente: são sínteses das leituras complementares que indico, ou seja, por meio destes tópicos, não se aprende todo o significado das teorias.

### Axiomas:

Uma das principais contribuições de Hegel para a História é a organização do pensamento *dialético*:

- *Dialética Hegeliana*: Tese (A) x Tese (B) e, dessa *antítese*, surge a *síntese*, que por sua vez corresponde à outra *Tese*.

Um Conceito que gera o seu '*Contraditório*' (oposto), extraindo dessa relação uma nova ideia essencial dos dois, que, no mesmo sentido, gera seu oposto.

Em geral, é representado por um *espiral*, com a ideia ocupando a parte superior do espiral, em direção à terra = matéria.

- Complicado *Sistema Metafísico*: difícil descrever com precisão a Realidade em termos racionais ou '*ideais*'. A Realidade é encarada como um constante *progresso* em que as crises não são fatores preocupantes para quem governa.
- Onde aparece a ação do *espírito cósmico*? Na materialidade do *Estado – Governo*. Doa-se a liberdade individual, para criação de normas – leis, que regem os homens – "O indivíduo deve gozar a liberdade comum a todos".

### PERSONALIDADE



### **Georg Wilhelm Friedrich Hegel**

(1770 – 1831), Berlim, foi um filósofo alemão. Recebeu sua formação no *Tübinger Stift* (seminário da Igreja Protestante em Württemberg). Era fascinado pelas obras de Spinoza, Kant e Rousseau, assim como pela Revolução Francesa. Muitos consideram que Hegel representa o ápice do idealismo alemão do século XIX, que teve impacto profundo no materialismo histórico de Karl Marx. A primeira e a mais importante das obras maiores de Hegel é sua *Fenomenologia do Espírito*.  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hegel>

### GLOSSÁRIO

**Metafísica:** aquilo que se encontra além da física, do palpável, do real. Aqui também presente no significado de ideia, como sendo ela a geradora das atitudes dos homens, um sistema filosófico.

### 3. POSITIVISMO

Dentre as correntes histórico-filosóficas que mais se destacaram, tanto pela sua permanência como pela duração temporal de sua influência, o positivismo sem dúvida é uma delas.

Houve muitos pensadores que desenvolveram as ideias da corrente positivista, mas, aqui, nos limitaremos a estudar o pensamento organizado por **AUGUSTE COMTE** (1798-1857).

Comte estudou matemática, casou-se e separou-se. Amou platonicamente Clotilde de Vaux, o que fez com que muito das suas ideias se voltassem para a vontade de *regenerar a humanidade*, criando uma religião própria definida por ele como *altruísmo* – amar ao próximo.

Afirmava que não cabia à História interpretar os fatos, essa seria função da sociologia. Para o historiador, bastaria descrever tal como aconteceram. Por vezes, a história positivista tinha essa preocupação: descrever detalhadamente os “*factos*” sem lhes atribuir as causas, ou seja, as inter-relações que deram origem a esses fatos.

Tinha a intenção primeira em unir as ciências humanas às exatas, compondo o que vai chamar de *física social*: assim como as demais ciências exatas, esta tinha a intenção de descobrir as leis gerais que regem a natureza humana, como forma de *prever a ação e a reação* dos homens.

Seu principal princípio diz: “*Tudo é relativo, e isso é a única coisa absoluta*”, no qual faz suas críticas ao *espírito absoluto* proposto por Hegel. Segundo sua visão geral, consiste em seguir na História a semelhança ao método cartesiano do filósofo Descartes:

- *observar* repetidamente os fatos;
- *anotar* suas manifestações e,
- *aplicar* suas leis.

#### Axiomas:

- Visão Progressiva da História: interesse prático pelos problemas de *Organização Social e Política*, aplicando o Método Científico nas sociedades;
- A *Sociedade*: constitui-se em *objeto* de *Investigação Científica*, como qualquer outro à luz de *leis verificáveis* em correlação com “*fatos observáveis*”;
- Fim maior: *descobrir as regras – leis* que governam a *sucessão* e a *coexistência* dos fenômenos;
- O conhecimento só pode ser originado por ações *empíricas*, capazes de serem comprovadas.

#### PERSONALIDADE



#### Isidore Auguste Marie François

**Xavier Comte** (1798-1857) foi um filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo. Seu interesse pelas ciências naturais era conjugado pelas questões históricas e sociais e, com 16 anos, em 1814, ingressou na Escola Politécnica de Paris. No período de 1817-1824 foi secretário do conde Henri de Saint-Simon (1760-1825), expoente do socialismo utópico; todavia, como Saint-Simon apropriava-se dos escritos de seus discípulos para si e como dava ênfase apenas à economia na interpretação dos problemas sociais, Comte rompeu com ele, passando a desenvolver autonomamente suas reflexões. São dessa época algumas fórmulas fundamentais: “Tudo é relativo, eis o único princípio absoluto” (1819) e “Todas as concepções humanas passam por três estádios sucessivos - teológico, metafísico e positivo -, com uma velocidade proporcional à velocidade dos fenômenos correspondentes” (1822) (a famosa “lei dos três estados”). [http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste\\_comte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_comte)

### Curiosidade



**Figura B1** – Bandeira Nacional

O lema da nossa bandeira nacional 'Ordem e Progresso' é derivante do princípio positivista, que muito influenciou os governos brasileiros, em especial, na República de 1889. "O amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim". Essa inscrição aparece na fachada das chamadas 'Capelas Positivistas', que seriam centros de encontros dos adeptos desta teoria. Existem poucas no Brasil, sendo uma delas localizada na cidade de Porto Alegre, RS.

Comte elabora, em seus estudos, a *lei dos três estados* pelos quais considera que a sociedade deveria passar para alcançar o *progresso*, mesmo que este fosse conquistado por meio de práticas governamentais como a *ditadura*. Estes estágios, segundo Comte, teriam sido superados com a existência do *Positivismo*, fazendo assim suas críticas aos outros pensadores e filósofos, como, por exemplo, Hegel, com seu estado metafísico.

**1º estado** – *teológico-fictício*: o espírito humano explica os fenômenos por meio de vontades transcendentais ou agentes sobrenaturais;

**2º estado** – *metafísico-abstrato*: nele os fenômenos são explicados por meio de forças ou entidades ocultas e abstratas, como o princípio vital, etc.;

**3º estado** – *positivo-científico*: no qual se explicam os fenômenos, subordinando-os às leis experimentalmente demonstradas.

Todas as ciências, segundo Comte, passaram pelos dois primeiros estados, e só se constituíram quando chegaram ao terceiro. O Estado Positivo é, pois, o termo fixo e definitivo em que o espírito humano descansa e encontra a ciência. As sociedades evoluem segundo essa lei, e os indivíduos, em outro plano, também realizam a mesma evolução. (JR. RIBEIRO, 1986, p.20)

## 4. MARXISMO

A vertente teórica do marxismo pertence ao materialismo filosófico, que considera como primordial a matéria, e é desta que se originam as ideias, as ações que resultam da transformação desta matéria.

Diferentemente do Positivismo em seus princípios, gosto de destacar que ambas essas teorias, neste caso incluindo aqui o marxismo, foram produzidas no século XIX, alvorecer do que conhecemos por Revolução Industrial, ascensão do capitalismo, mudança gradativa na forma de conceber o trabalho e de organizar politicamente o Estado. Nesse contexto histórico, é comum encontrarmos teorias que identificavam a sociedade ou como um organismo vivo, no caso do positivismo, ou como uma sociedade regida por classes, estágios, sendo assim chamados de estruturalistas.

O que chamamos de marxismo é originário dos estudos filosóficos de **KARL MARX** (1818–1883) e **FRIEDRICH ENGELS** (1820–1895), que juntos desenvolveram essa rica e consistente *doutrina filosófica*.

Marx e Engels desenvolveram, em seus estudos, duas importantes compreensões: o chamado materialismo dialético, que busca explicações para os fenômenos da natureza e da sociedade, e o materialismo histórico, que se dedica a estudar como que se caracteriza a vida em sociedade, a ação dos homens vivendo coletivamente.

Algumas expressões são importantes conhecer para se estudar o marxismo, sendo que cada uma destas representa os princípios que estruturam essa teoria:

*Modos de Produção:* a forma como se organizam as relações econômicas na sociedade. A conhecer, segundo as descritas por Marx: *comunidade primitiva* ou *modo de produção asiático*; *escravismo*; *feudalismo*; *capitalismo* e o *comunismo* que daria origem ao socialismo, forma plena de desenvolvimento segundo Marx.

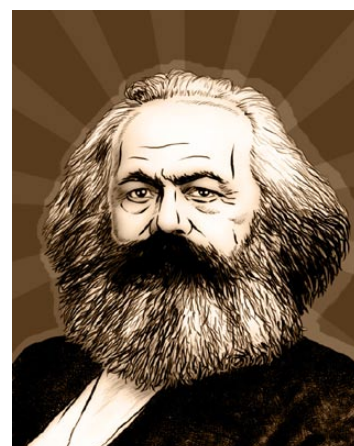
*Meios de Produção:* os instrumentos de trabalho, bem como o capital, e o lugar onde ocorrem as relações de produção – fábrica, máquinas, investimentos, matéria-prima, o que chamamos de *propriedade privada*.

*Relações de Produção:* a relação existente entre operário-proletários e burgueses, os empregados e os patrões, ambos pertencentes a classes diferentes.

*Classes Sociais:* os diferentes estamentos sociais a que pertencem os trabalhadores de um lado e os empregadores de outro. Ambos no materialismo dialético e histórico em constantes *lutas de classes*.

*Trabalho:* a relação pela qual se *transforma* a matéria em *produto* para as necessidades do homem. O acúmulo e venda destes produtos gera o conceito de *mais valia*, o chamado *lucro*, que é restrito ao empregador.

### PERSONALIDADE



**Karl Heinrich Marx** (Tréveris, 5 de maio de 1818 – Londres, 14 de março de 1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. O pensamento de Marx influencia várias áreas, tais como Filosofia, História, Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Psicologia, Economia, Comunicação, Arquitetura, Geografia e outras. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl\\_marx](http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_marx)

*Alienação:* o operário, além de produzir o produto, que gera com a venda o acúmulo de capital e o pagamento de seu salário, estabelece relações de trabalho cada vez menos humanas. Trabalha-se mais e se ganha menos. Assim, o trabalhador aliena tanto a sua força de trabalho – mão de obra como sua consciência em produzir neste sistema e dele não resistir.

*Ideário Revolucionário:* os operários se rebelando contra as injustas relações de trabalho iriam impor uma nova forma de organização político-econômica-social: o socialismo, onde os homens trabalhariam de acordo com suas capacidades e supririam suas necessidades.

*Infraestrutura e a supraestrutura:* estas duas significam a base da sociedade, onde a infraestrutura é composta pelas relações econômicas e políticas e a supraestrutura pelas relações sociais, culturais, entre outras.

 PERSONALIDADE



**Friedrich Engels** (Barmen, 28 de novembro de 1820 – Londres, 5 de agosto de 1895) foi um filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador. Grande companheiro de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. Entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848, junto com Marx, escreve o *Manifesto Comunista*. Sem dúvida nenhuma, Engels foi um filósofo como poucos: soube analisar a sociedade de forma muito eficiente, influenciando diversos autores marxistas. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Engels](http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels)

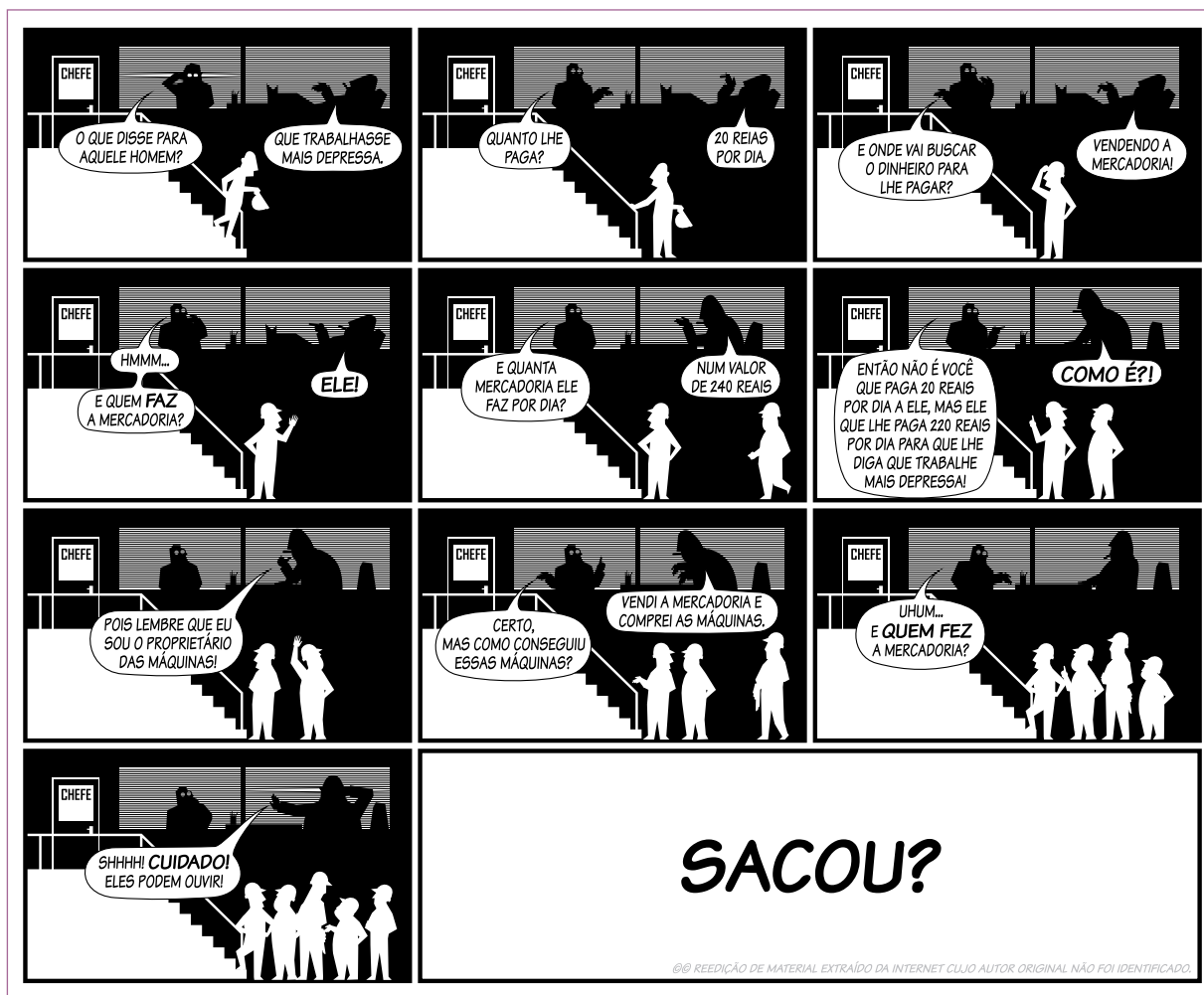


Figura B2 – História em quadrinhos sobre o comunismo.

## 5. ANNALES

Diferentemente das outras três teorias históricas mencionadas, a *Escola dos Annales*, como é conhecida, não teve a preocupação em se tornar uma doutrina filosófica, ou seja, não pensou em organizar a forma como a sociedade seria governada, conduzida em suas ações mais íntimas.

A preocupação da teoria dos Annales é estritamente a produção do conhecimento histórico, pois vai tecendo críticas ao positivismo e ao marxismo, elencando novos elementos capazes de dar uma nova roupagem para a História.

Não se apresenta tão conservadora em suas análises como o positivismo, como também não se identifica com o teor crítico do marxismo. Seu foco concentra-se na economia e no social, trazendo para o cenário da pesquisa histórica aspectos que pouco ou nunca haviam sido cogitados a serem trabalhados: sexualidade, mentalidade, mulheres, negros, crianças, etc.

Uma produção de vertente francesa, a Revista dos Annales, foi

criada em 1929, pelos pesquisadores **LUCIEN FEBVRE** e **MARC BLOCH**: "ANNALES D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE ET SOCIALE: ÉCONOMIES, SOCIÉTÉS, CIVILISATIONS".

Contextualizando a criação desta nova teoria, estamos em pleno ano da crise da bolsa de valores nos Estados Unidos da América, e já convivemos 11 anos com os efeitos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Falar de política neste período podia não ser uma boa escolha.

A nova abordagem pretendia substituir a narrativa tradicional dos acontecimentos = História dos grandes nomes e grandes batalhas = positivismo, por uma mais social, que tratava de coisas advindas do cotidiano simples e bucólico, trazendo, para o seio da História, pessoas que antes não eram nem mesmo lembradas.

Assim, sua intenção foi desenvolver uma *metodologia* do trabalho do historiador, agregando elementos de outras áreas do saber, dando início à chamada *interdisciplinaridade*.

#### Axiomas:

- *História Problema*: História da humanidade em todos os seus sentidos e campos de atividade. Superar Hegel e , além do exclusivismo político do Positivismo;
- *Interdisciplinaridade*: Intercâmbio com outras áreas do conhecimento; Psicologia–Histórica, Geografia–Histórica, História–Cultural;
- *Novas Fontes*: descoberta e *utilização* de novos documentos – da *fonte* estritamente *escrita* para: a *memória oral*, *fotos*, *imagens*, *vestígios humanos*, *vestígios animais*, etc.
- *Crítica Documental*: Problematizar as *fontes* é interrogá-las, para que se pudesse eliminar o problema da autenticidade documental.

#### Etapas da Escola dos Annales:

1. Tempo de MARC BLOCH e LUCIEN FEBVRE (1929-1945): Abordagens econômicas e sociais, desviando dos aspectos políticos. Social Exaltado: pressupondo que os aspectos relacionados à vida dos homens são interligados, todas as ciências que estudam os homens devem se relacionar. Annales + Marxismo: viés econômico e social como referencial explicativo. Pesquisas preocupadas com o tempo presente.
2. Os Anos de BRAUDEL (1945-1968): Interdisciplinaridade – especial a *Geografia*, mudanças das estruturas: união dos aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais. Formação de Historiadores em academias.
3. A TERCEIRA GERAÇÃO (1968...): Mundialmente em Crises – Ditaduras, Recessão Industrial, Crise da Modernidade - Capitalismo Monopolista X Socialismo. Indústria cultural = domesticação social, cabendo à mídia simbolizar um modelo de *realidade*

#### PERSONALIDADE



**Lucien Febvre** (Nancy, 22 de julho de 1878 – Saint-Amour, 11 de setembro de 1956) foi um historiador francês, cofundador da chamada "Escola dos Annales". No período entreguerras, idealizou uma revista de história que fundou, em 1929, em parceria com Marc Bloch: a "*Revue des Annales*". Essa parceria, formada na Universidade de Estrasburgo, durou apenas treze anos, tempo suficiente, entretanto, para patrocinar marcantes conquistas da História. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucien\\_Febvre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucien_Febvre)

#### PERSONALIDADE



**Marc Léopold Benjamin Bloch** (Lyon, 6 de Julho de 1886 – Saint-Didier-de-Formans, 16 de Junho de 1944) foi um historiador francês notório por ser um dos fundadores da Escola dos Annales e morto pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Marc\\_Bloch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marc_Bloch)



*ideal*. Representá-la ao invés de importar-se com o real. Preferências em seus estudos: Cotidiano; Simbólico; Cultural; Mulheres; História Vista de Baixo; Crianças; Tradição Oral; Uso dos Costumes; História Descritiva x História-Problema; História Comparada às Produções Literárias; Estudos Fragmentários.

## 6. NOVA HISTÓRIA CULTURAL

A nova História Cultural é decorrente das variações da *Escola dos Annales*, que, por tratar do aspecto social, permitia, a partir desse, englobar as produções e criações feitas pelos agentes que vivem o social, ou seja, os homens em sociedade.

Suas produções historiográficas focam o aspecto cultural como objeto de estudo. A *Escola dos Annales* também tinha como foco o aspecto cultural, mas aliava-se a esse o aspecto econômico, discutindo sobre estas duas estruturas em suas obras.

A Nova História Cultural permitiu uma abrangência maior em suas pesquisas, tanto no que diz respeito às *fontes documentais* como aos focos de análises, resgatando em seus discursos a *cultura popular*, das *classes que não tinham voz*.

De acordo com ARÓSTEGUI (2006, p.216): "A 'nova História Cultural' é mais uma das correntes com vocação de novo modelo surgidas a partir da crise [...]". Ao se referir à inclusão de novas fontes e à nova orientação em usar significações advindas de outras disciplinas e ciências, o trecho abaixo sintetiza um pouco essa nova vertente e os pesquisadores que estão sendo considerados representantes desta teoria:

É, possivelmente, a que conseguiu uma maior expressão e atraiu uma maior atenção entre todos os novos modelos de historiografia, o que acaba sendo sintomático da nova sensibilidade. Em alguns círculos defendem-se que surgiu, essencialmente, sob a influência do pós-estruturalismo e que uma de suas representações máximas é a interdisciplinaridade. Essa linha historiográfica tem também uma linha propensa a globalizar suas visões e a transcender tanto a velha história cultural, que era sobretudo história intelectual, como a história social que era, por sua vez, história estrutural. Talvez nenhuma tendência na atual historiografia mostre como esta uma ambigüidade semelhante entre a herança de uma prática anterior e a entrega à visão discursivo-simbólica da realidade a estudar, como reflexo da influência da antropologia e da lingüística, os dois conhecidos demônios que ameaçam a historiografia. Sua **PROSÁPIA** desconstrutivista não foi tampouco negada. (ARÓSTEGUI, 2006, p.217)

## PERSONALIDADE



**Jacques Le Goff**, nascido em Toulon, no dia 1º de janeiro de 1924, historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos; membro da Escola dos Annales. Co-diretor da Escola dos Annales, dirigiu os estudos ligados à "Nova História", como a coletânea *Faire de l'histoire* em 1977 e o volumoso *Dictionnaire de la Nouvelle Histoire* publicado no ano seguinte, levando à revolução dos Annales. Sinal do sucesso de suas teses, ele atuou no renascimento pedagógico de História participando da redação de um manual escolar. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_Le\\_Goff](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Le_Goff)

## GLOSSÁRIO

**Prosápia:** Progenie, linhagem. Aqui se referindo a sua essência em ser avessa aos modelos tradicionais ou mesmo aos que se diziam críticos, como o marxismo.

## 7. PÓS-MODERNIDADE

Quando escutamos ou falamos o termo 'pós-modernidade', algumas ideias permeiam nossos sentidos:

- Crise da Razão;
- Crise de Identidade;
- Crise dos Paradigmas.

De acordo com CHAUI (1992), existe um debate constante em considerar, seja pelos ilustrados antigos seja pelos contemporâneos, a "Razão" como uma *força emancipadora*, em especial, contrária às ideias que acreditam na ignorância e na superstição. Essas ideias, que se colocam opostas a este pensamento, são o desejo de conhecer, e que este *conhecimento* sirva, de certa medida, para tornar o sujeito capaz de se libertar de sua alienação, seja ela na condição de ideias seja em suas ações desenvolvidas no grupo a que pertence.

O ato de conhecer, de entender e compreender como as situações em nossas vidas acontecem, de quem está por trás das engrenagens sociais, é o que CHAUI chama de *força emancipadora*.

O momento em que estamos vivendo, por muitos estudiosos, tem sido considerado, como que renovador das antigas ideias que pretendiam dar uma orientação para a História da humanidade. Suas estruturas de pensamentos não mais nos servem de base para entendermos nosso presente, já não sendo possível consideramos certas atitudes como *determinantes*, mas, sim, como *imprevisíveis*. Esta nova forma de encarar o 'mundo', por vezes recebe a denominação de *pós-modernidade*.

Nessa ótica, as questões sobre ética e valores ganham respaldos, na medida em que não partem de pontos fixos para os entendimentos da nossa realidade, mas sim, ampliam o campo de visão e conseguem aproximar outras vertentes de pensamentos a estas de forma transdisciplinar.

A partir disso, CHAUI (1992) acrescenta a necessidade de diferenciação dos termos os quais várias vezes confundimos e nos equivocamos ao entendimento desta vertente:

Evidentemente, há uma diferença profunda entre modernidade, modernismo e modernização. Isto é importante para se entender um pouco o pós-modernismo. Podemos dizer que a *modernidade* é aquilo que tem o seu alvorecer no final do século XVI e seu apogeu durante o século XVII. É aquilo que constituiu o ponto final da Renascença e o surgimento do racionalismo clássico. A modernidade se desenvolve então no século XVII e XVIII e encontra na Ilustração o seu ponto mais alto, enquanto que o *modernismo* é aquilo que se desenvolve no final do século XIX e no século XX, até pelo menos o ano de 1960. O modernismo está muito ligado a um instante no qual a sociedade industrial se pensa a si mesma e, a partir deste pensamento sobre si mesma, elabora um conjunto de categorias sociais, políticas e culturais, pelas quais ela exprime a maneira como compreende e desenvolve a sociedade industrial. (CHAUI, 1992, p. 28).

### PERSONALIDADE



**Roger Chartier** (Lyon, em 9 de Dezembro de 1945) é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Ele trabalha sobre a história do livro, da edição e da leitura.

### PERSONALIDADE



**Carlo Ginzburg** (Turim, 1939) é um historiador e antropólogo italiano, conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história. Tornou-se mundialmente conhecido com a obra *O queijo e os vermes (Il formaggio e i vermi, 1976)*, que abordava a vida de um camponês em Montereale Valcellina, Itália. Em *História noturna (Storia notturna, 1989)*, ele traça um caminho complexo desde a caça às bruxas até uma grande variedade de práticas que evidenciam substratos de cultos xamânicos na Europa.

Essas significações querem nos dizer, de fato, que se busca por novas interpretações, que estão em meio a duas vertentes de pensamento, seja ela o *determinismo da natureza* sobre os homens, seja a *indeterminação de nossas ações* sobre esse “algo” pré-determinado. Nesse entremeio, encontram-se os pressupostos da vertente pós-modernidade.

Sendo assim:

O pós-modernismo é o universo do volátil. [...] É a visão da cidade segundo o arquiteto Rayban, como *soft city*. O que é a *soft city*? A cidade vista como um empório de estilos, uma enciclopédia de moda e como um teatro de espaços. A cidade é esta multiplicidade de estilos, enciclopédica, teatral, na qual nos arranjamos criativamente para sobreviver. Isto é, a cidade são signos e imagens. E quanto ao pós-modernismo – se pudéssemos classificá-lo, pois tudo o que é classificatório é grosseiro – vou listar aquilo que o caracteriza do ponto de vista cultural. (CHAUÍ, 1992, p. 31).

Por fim, vale ressaltar:

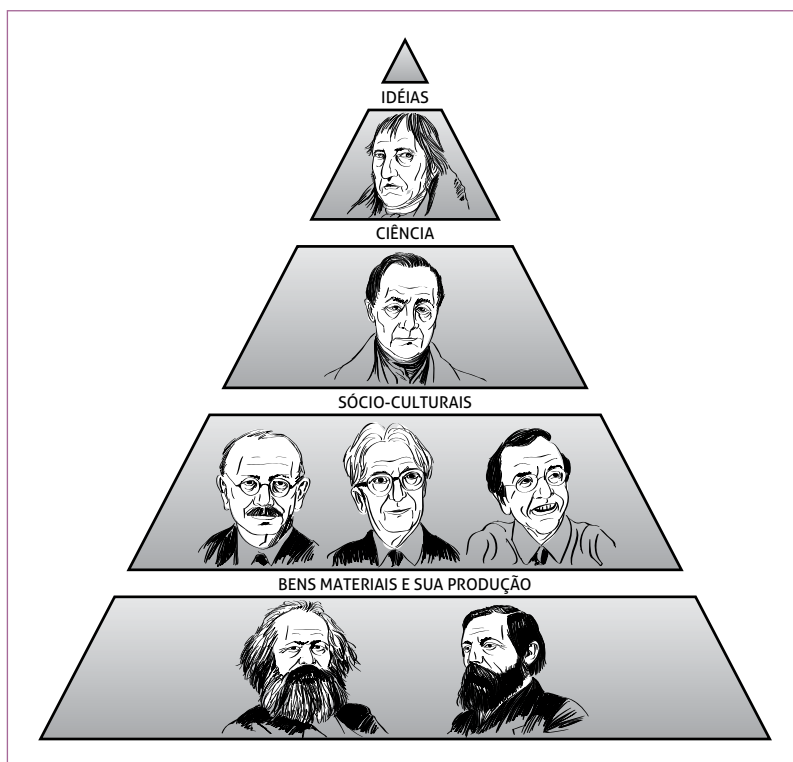
O pós-modernismo afirma o descentramento. Ele realiza a desconstrução. Ele afirma a imagem como imagem, isto é, o reino do espetáculo e do simulacro. Afirma o efêmero enquanto efêmero. O fragmentado, o labirinto, em Borges. A heterotopia, em **FOUCAULT**. Vamos exemplificar um pouco esta questão da heterotopia, porque ela se coloca contra a *utopia*. A heterotopia é a afirmação foucaultiana e pós-modernista de que a cidade, mas também o real para os humanos, é constituída por uma pluralidade de espaços incoossíveis e que, no entanto, coexistem, se interpenetram e colidem. Vivemos micro-poderes. Por quê? Porque existem múltiplos espaços e estes espaços são incoossíveis., colidem, se excluem e, no entanto, coexistem. (CHAUÍ, 1992, p. 31)

Logo, mesmo as críticas e as tentativas de definições sobre a pós-modernidade são complexas, que, por sinal, não poderiam se apresentar de outra maneira, devido a sua indeterminação que é o germe de sua proliferação. Seu entendimento encontra respaldos quando anunciamos as “crises” que ela indica, com o que, se pudéssemos afirmar, ao não conseguirmos anunciar e compreender todas as mudanças que constantemente vivemos, apoiássemo-nos em ideias novas, que não se utilizam das velhas estruturas sociais para responder a todas as nossas questões do presente, mesmo que isso nos pareça, à primeira vista, um tanto vago.

## PERSONALIDADE



**Marilena de Sousa Chauí** (São Paulo, 4 de setembro de 1941) é uma historiadora de filosofia brasileira. Professora de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É mestre (1967, *Merleau-Ponty e a crítica do humanismo*), doutora (1971, *Introdução à leitura de Espinosa*) e livre docente de Filosofia (1977, *A nervura do real: Espinosa e a questão da liberdade*) pela USP. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Marilena\\_Chauí](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marilena_Chauí)



**Figura B3** – Pirâmide das Teorias da História – Organização do Professor. (De cima para baixo – Hegel, Comte, Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Lè Goff, Karl Marx e Friedrich Engels)

A elaboração desta *pirâmide* tem por significado apenas demonstrar, de forma muito simples, a hierarquia e a metáfora que faço dos significados da *Teoria na História*. No topo localiza-se o *idealismo filosófico*, representado por Hegel, por tratar das ideias, daquilo que está sobre a nossa *matéria*, que serve então de *base* a nossa representação. Abaixo das ideias temos a *ciência*, com seu olhar empirista e sedento pela exatidão científica, deixando abaixo de si os determinantes *socioculturais*. A pós-modernidade não abarcou espaço em uma pirâmide, porque acredito ter uma forma diferenciada, ora se situa nas extremidades dela, ora foge a hierarquias e a figuras pré-concebidas.

 PERSONALIDADE



**Michel Foucault** (Pronúncia francesa: AFI: [miʃɛl fuko]); Poitiers, 15 de outubro de 1926 – Paris, 25 de junho de 1984) foi um importante filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France desde 1970 a 1984. Suas ideias notáveis envolvem o biopoder e a sociedade disciplinar, sendo seu pensamento influenciado por Nietzsche, Heidegger, Althusser e Canguilhem. As obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel\\_Foucault](http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault)

## REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA UNIDADE B

- ARAÚJO, Antoracy Tortorelo. **História do Brasil: Descoberta e início da liberdade**. São Paulo: Editora do Brasil, 1985, pp. 8.
- CASTORIADIS; ROUNET; CHAUI; TORRES e ROSENFELD. **A CRIAÇÃO HISTÓRICA**. Artes e Ofícios, 1992.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995.
- JR. RIBEIRO, João. **O que é Positivismo**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Coleção Magistério – 2º Grau – Série Formação do Professor**. São Paulo: Cortez, 1994.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES DA UNIDADE B

- A História como Representação da Experiência Passada. *In*: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995, pp. 305-319.
- \_\_\_\_\_. Marx (1818-1883). *In*: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995, Pp. 153-169.
- \_\_\_\_\_. O Materialismo Dialéctico. *In*: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995, p. 347-359.
- \_\_\_\_\_. HISTORICISMO. *In*: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995, PP. 73-83
- Annales: A Produção Histórica Francesa no Século XX. *In*: Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM. **Sociais e Humanas**. Vol. 1, no. 1 (1987). V. 8, no. 2, (mai./agos. 1993) - Santa Maria, 1993, pp. 37-48.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia, a História. *In*: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Coleção Ditos e Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. (org.) Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro, RJ: Forense Uni-

versitária, 2 Edição, 2005, pp. 260- 281.

\_\_\_\_\_. Retornar a História. *In*: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Coleção Ditos e Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. (org.) Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2 Edição, 2005, pp. 282-295.

Modernismo, Pós-Modernismo e Marxismo. *In*: CASTORIADIS; ROUANET; CHAUI; TORRES e ROSENFELD. **A CRIAÇÃO HISTÓRICA**. Artes e Ofícios, 1992, pp. 26-35.

O Tempo dos "Annales"; A Nova "História"; Alguns Canteiros de Obras Atuais da História. *In*: TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: Edusc, 2000, pp. 105-114; pp. 119-124, pp. 141-150.

Pensamento Liberal e Positivismo. *In*: RIBEIRO JR., João. **O Que é Positivismo**. 5 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986, pp. 11-29.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Aracy Rego. **Estudos Sociais: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: RJ, Access Editora, 1993.
- ARAÚJO, Antoracy Tortorelo. **História do Brasil: Descoberta e início da liberdade**. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa Histórica: teoria e método**. Tradução: Andréa Dore; revisão José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti. (org). **O Ensino em Estudos Sociais**. 2 ed. Revisada. Ijuí: Unijuí, 2002.
- CASTORIADIS; ROUANET; CHAU; TORRES e ROSENFELD. **A CRIAÇÃO HISTÓRICA**. Artes e Ofícios, 1992.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. **IDEOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6. ed.rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 17 ed., 1987.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Victor Raúl da Costa Matos. 4 ed. Lisboa, 1995.
- HORN, Geraldo B.; GERMINARI, Geysa D. **O Ensino de História e Seu Currículo: Teoria e Método**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.
- JR. RIBEIRO, João. **O que é Positivismo**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- KARNAL, Leandro (org.). **História da Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Coleção Magistério – 2º Grau – Série Formação do Professor**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MOTA, Myriam Becho (org). **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VEYNE, Paul. Tudo é Histórico, portanto a História não Existe. In: SILVA, Maria Beatriz N. da. **Teoria da História**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1991, p. 45-55.